

DESAPRENDIZAGENS – POR UMA ARTE/EDUCAÇÃO DISSIDENTE¹

DESAPRENDIZAJES – POR UN ARTE/EDUCACIÓN DISIDENTE

UNLEARNING - FOR A DISSIDENT ART/EDUCATION

Fábio Wosniak (UNIFAP)

Resumo: O presente artigo apresenta as reflexões do autor acerca de uma arte educação dissidente. Para compor as reflexões são apresentadas articulações entre pensamento teórico e prática docente. O autor propõe que uma arte educação dissidente propicia um caminho para abordagens mais democráticas e criativas, não exclusivamente para a prática como professor no ensino superior, mas para a própria vida. Sendo assim, é apresentado ao leitor o percurso de trabalho na construção das aulas e uma curadoria de artistas que são referências para esta proposição pedagógica.

Palavras-chave: Desaprendizagem. Arte Educação Dissidente. Decolonialidade.

Resumen: El presente artículo presenta las reflexiones del autor acerca de una educación artística disidente. Para componer las reflexiones, se presentan articulaciones entre el pensamiento teórico y la práctica docente. El autor propone que una educación artística disidente proporciona un camino hacia enfoques más democráticos y creativos, no solo para la práctica como docente en la educación superior, sino también para la propia vida. Así, se presenta al lector el recorrido del trabajo en la construcción de las clases y una curaduría de artistas que son referencias para esta propuesta pedagógica.

Palabras clave: Desaprendizaje. Educación Artística Disidente. Decolonialidad.

Abstract: The present article presents the author's reflections about a dissident art education. To compose the thought, articulations between theoretical thought and teaching practice are presented. The author proposes that a dissident art education provides a path to more democratic and creative approaches, not only for the practice as a teacher in higher education, but for life itself. As such, the reader is presented with the path of work in the construction of the classes and a curatorship of artists who are references for this pedagogical proposition

Keywords: Unlearning. Dissident Art Education. Decoloniality.

¹ Artigo publicado e apresentado no 31º Encontro Nacional da ANPAP – EXISTÊNCIAS. WOSNIAK, Fábio. DESAPRENDIZAGENS – POR UMA ARTE/EDUCAÇÃO DISSIDENTE. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Anais. Recife (PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513529-DESAPRENDIZAGENS--POR-UMA-ARTE-EDUCACAO-DISSIDENTE>.



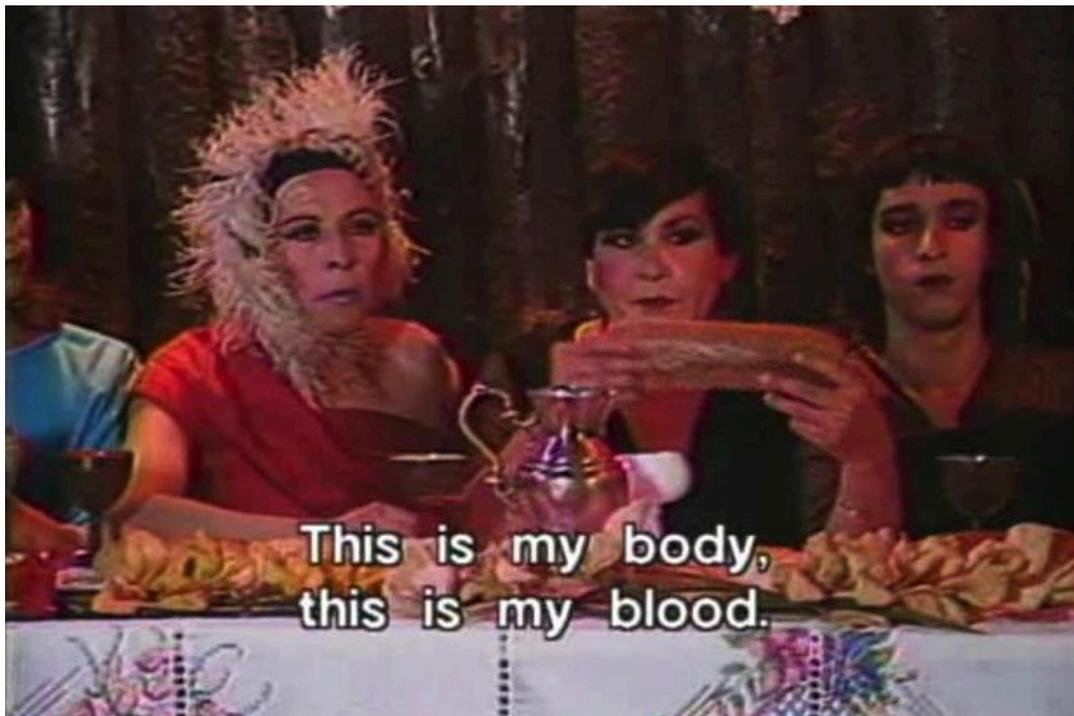


Figura 1. “La última cena”, 1989. Pedro Lemebel e Francisco Casas.
Fonte: <http://www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-la-ultima-cena-video-casa-particular/>

*Você tem medo de que se homossexualize a vida?
E não falo apenas de meter e tirar
Tirar e
meter Falo de ternura,
companheiro
O senhor não
sabe Como custa encontrar
o amor
Nestas
condições O
senhor não sabe
O que é carregar esta
lepra As pessoas guardam
distância
As pessoas compreendem e
dizem: É bicha, mas
escreve bem
É bicha, mas é um bom
amigo É um cara
super legal
Eu não sou um cara
legal Eu aceito o
mundo
Sem pedir que seja
legal Mesmo assim*

*eles riem
Tenho cicatrizes de risadas nas
costas Você acha que penso
com a bunda*

Trecho do Manifesto (Falo por minha diferença),
por Pedro Lemebel (1986).

ABRINDO OS DIÁLOGOS

Começar a pensar acerca de uma aprendizagem dissidente nas artes visuais, certamente perpassa o caminho de refletirmos sobre o que costumamos apresentar como Arte nas nossas salas de aulas, seja nas universidades ou escolas de educação básica.

Se o nosso repertório de imagens e conteúdos insistem nas apresentações das imagens de artistas conhecidamente heterossexuais ou se excluimos dos nossos debates a relevância de anunciarmos acerca da existência sobre a vida do/a artista de se tratar de um/a dissidente sexual ou de gênero, devemos começar a pensar o porque de tal omissão.

Muitos/as professores/as podem questionar: Mas qual a importância de tal revelação? Seria mesmo importante anunciar se o/a artista é um/a dissidente sexual ou de gênero? Bem, se tal questionamento chegar até estas indagações, as primeiras pistas para uma educação dissidente nas artes visuais já começam a serem anunciadas.

Mas, antes de seguir com as reflexões deste ensaio, adianto a resposta das perguntas acima com um SIM. Tendo em vista as estatísticas acerca das violências sofridas pelas populações dissidentes sexuais e de gênero em nosso país, aprender que outras experiências de vidas são possíveis e que suas humanidades devem ser respeitadas, já bastaria como justificativa.

Para tanto, precisamos instaurar uma maneira de aprender outra – desaprender. Estar em estado de *desaprendizagens*, significaria assumir uma atitude filosófico-poética diante dos conhecimentos – estar [entre]. “Erguer a Voz”, como nos ensinou bell hooks (2019), nos atrevendo a responder, retrucar, falar de



igual para igual com aqueles que se colocam como únicos detentores dos saberes. Ensinando que nossas experiências, por comumente rompermos dualismos – Vida/Arte, Vida/Pesquisa -, produzem potências epistêmicas que devem ser consideradas como propostas mais criativas, humanas de vida.

O “entrelugar”, estar [entre] já conhecemos bem. Aprendemos desde muito cedo que não habitamos e nem pertencemos a lugar algum. Somos movidos/as a criar, como forma de sobrevivência, nossos territórios. Bixas, sapatões, travestis, transexuais, bissexuais, interssexos ... e tantas outras, sejam pretas, indígenas, amarelas ou brancas. Sobrevivemos com alvos nas costas, alguns maiores outros menores. Mas, todas carregamos este alvo. Talvez, em alguns momentos, este [entre] lugar nos seja um alívio, contudo, também estes espaços não costumam escapar dos tentáculos da heteronormatividade compulsória, da colonialidade dos saberes e das existências.

Somando tantas mazelas as nossas existências, uma arte educação dissidente se faz necessária, já se anuncia esta perspectiva de ensino aprendizagem – *desaprendizagens* -, e será sobre este assunto que pretendo, um artista-professor- universitário-bixa, tratar neste artigo.

EXPERIÊNCIAS DISSIDENTES.

Muito do que tenho aprendido acerca das temáticas das dissidências sexuais e de gênero, evidentemente, nascem da minha própria existência como bixa. Mas é no ano de 2020, em plena pandemia da COVID-19 que decido apresentar um projeto para um grupo de estudos, o Apotheke em dissidência, uma versão do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke, coordenado pela Profa. Dra. Jocielle Lampert (UDESC). A primeira versão do Apotheke em dissidência contou com a presença de mais de 20 artistas nacionais e internacionais e culminou em uma exposição virtual – Dissidências. No mesmo ano, passo a integrar o Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos, coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Rodrigues (URCA), na linha de pesquisa Arte/Educação para uma educação dissidente. Atualmente o Apotheke em dissidência é um projeto de extensão coordenado por mim na Universidade Federal do Amapá.

A necessidade de abordar este assunto nas aulas, ou nas pesquisas que venho realizando, nasce da procura de compreender a minha própria existência



como um dissidente sexual e de gênero. Na medida que ingresso na graduação, pós-graduação e na vida profissional como professor universitário, percebo como essas temáticas, mesmo depois de terem sido realizados alguns estudos/pesquisas na área, ainda são tabus para estes espaços.

Romper com este tabu quer dizer: ressignificar as nossas existências. A partir dos estudos de pesquisadores/as e artistas dissidentes sexuais e de gênero, tornou-se possível observar outras formas de articulações com os saberes, com o mundo e com as pessoas, parte-se do pressuposto que é possível aprender sem estarmos pautados no racismo, no sexismo, na heteronormatividade, no machismo ou na cisnormatividade. Experienciar os conhecimentos em perspectivas horizontais, suleadoras, poéticas, metafóricas, visuais... das quais ainda não estamos acostumados/as é o percurso que esses/as autores/as e artistas tem nos propiciado.

Trabalhar com artistas e autores/as que denunciam a estrutura racista e preconceituosa que é cultivada na nossa sociedade, perpassa primeiramente pela compreensão de que o alicerce da própria Educação, em todos os seus níveis e modalidades estão impregnadas de expressões que não toleram nenhuma característica humana que se revele diferente dos padrões dominantes.

Apesar de existirem documentos oficiais que apresentam a relevância do respeito pela diversidade, inclusão e a valorização étnico-racial, assistimos práticas docentes que revelam o oposto das políticas apresentadas nestes documentos (ODARA, 2020). A total intolerância e transgltfobia, violenta esses corpos, expulsando-os dos espaços educacionais, fortalecendo a dilaceração de nossas existências, nos empurrando cada vez mais para a invisibilização.

TEMPOS/ESPAÇOS PLURIVERSAIS: PERCURSOS PARA [DES]APRENDIZAGENS.

Os espaços educacionais devem ser lugares que promovam e provoquem processos de socialização e valorização das mais diversas formas de vida e cultura. Mas como seria reformular este projeto tão antigo de reprodução da norma vigente?

Primeiramente, como já anunciado, precisaríamos rever nossas atuações



como docentes. O que e como escolhemos determinados assuntos em detrimentos de outros, ou porque não abordamos em nossas aulas, de maneira profunda, crítica e que questiona a própria estrutura das instituições nas quais atuamos, seria um dos caminhos a serem pensados.

Descolonizar o conhecimento é um ensinamento de desaprendizagens, pois transgrede a regra das histórias únicas e sua perigosa narrativa (ADICHIE, 2009). Isso significa reafirmar nosso direito de abordar de múltiplas maneiras um determinado assunto: Que não existiu descoberta, que houve sequestro e genocídio de pessoas, que não se opta em ser dissidente sexual ou de gênero, que o cristianismo não foi a primeira religião do mundo... e muitas outras narrativas contadas que nos chegam como verdades absolutas.

Construir experiências de desaprendizagens perpassa mostrar para os/as nossos/as estudantes que os conhecimentos não são elaborados de forma hierárquica, e que todos nós chegamos à sala de aula portando um determinado saber, somos carregados de experiências que nos fazem chegar até aquele momento, de estarmos juntos, descobrindo coisas, isso não significa retirar do professor/a suas sistematizações, mas de encarar este/a como um provocador, um contaminador de outras camadas de saberes, que só são possíveis diante dos seus estudos e pesquisas.

Neste sentido, como nos explica hooks (2017) e Freire (2011), essas camadas de experiências – estudantes-professores/as-culturas -, se sobrepõem e justapõem e não são processos hierárquicos, mas que de forma crítico-coletiva é possível instaurar uma pedagogia da escuta, onde as narrativas são dispositivos de potência e a sala de aula um espaço democrático, a favor do aprofundamento das discussões, onde primeiro desaprendemos, para depois reorganizarmos as experiências de aprendizagens.

Isso significa pensar que precisamos ir para além dos conteúdos que nos foram apresentados em nossos próprios processos de formação inicial docente. Quantos/as de nós aprendemos em nosso percurso formativo sobre a História da África? Ou nos foram apresentados autores como: Aimé Césaire (1913-2008), Frantz Fanon (1925- 1961), Homi K. Bhabha (1949-), bell hooks (1952-2021),



Catherine Walsh (-), e tantos/as outros/as que nos ensinam a desaprender e pensar com as nossas próprias histórias e culturas.

Os caminhos da desaprendizagem perpassam por construções experimentais de conhecimento, onde nenhuma forma de vida e saber é negado, suas experiências são valorizadas, suas subjetividades são cartografias que impulsionam para articulações com os saberes produzidos pela humanidade, onde o que uma vez se apresenta como estrutura de conhecimento dominante possa ser compreendida e dar início aos processos de combate das imposições que sequestram nossas subjetividades.

É preciso desobedecer para desaprender e desaprender significa acreditar que outras formas de vida existem e resistem às estruturas dominantes. Isso significa dizer que outras epistemologias existem e que podemos chamá-las de pedagogia decolonial. O processo de compreensão destas formas de conhecimentos nos exige as desaprendizagens, pois falaremos a partir de nós: pessoas pretas/os, latinas/os, dissidentes sexuais ou de gênero, imigrantes, indígenas e tantos outros marcadores sociais que a colonialidade nos impôs.

Então, seguindo na perspectiva da construção do conhecimento de uma pedagogia decolonial, que confronta toda a invisibilização dos corpos dissidentes nos espaços educacionais, tomamos estas negações para elaborar propostas pedagógicas desobedientes que nascem a partir da perspectiva feminista decolonial apontada por autoras como: Curiel (1963 -), Gonzalez (1935 – 1994), etc.

O que as feministas decolonias nos ensinam é que devemos investir pesquisas que nos mostrem como determinadas visões de mundo nos foram impostas em detrimento das nossas experiências enquanto habitantes de um determinado contexto. E, que também, devemos compreender como se dá a manutenção de determinados grupos privilegiados, como esses discursos são construídos ao ponto de que passamos, nós mesmos, não privilegiados, a propagar tal afirmação e manutenção. Ou seja, estamos diante de uma reconstrução dos saberes.

Devemos todas essas provocações e rupturas às epistemologias dominantes aos grupos de feministas negras, aos movimentos de travestis e trans que nos



propiciaram pensamentos decoloniais, a pedagogias desobedientes que passaram a figurar questionamentos nas políticas educacionais e nos currículos excludentes que até então reproduziam uma norma cisheteronormativa.

POR UMA PRÁTICA DOCENTE DISSIDENTE: RECONSTRUINDO OS PERCURSOS DAS DESAPRENDIZAGENS.

Brasil, século XXI. Parece um tanto quanto estranho, depois de um aparente avanço nas políticas sociais termos que discutir e fazer pensar algumas pessoas que o nosso país é o que mais mata dissidentes sexuais e de gênero. Algumas das linhas descritas acima, precisei parar e pensar se realmente eram necessárias, pois parece óbvio sustentar tais discussões. Mas, diante do que nos é exposto e do que ouvimos diariamente nas nossas instituições, parece que estamos em um século diferente do atual. Ouvir de pessoas que passaram pelos bancos da pós-graduação que escolhemos ser LGBTI+ ou piadinhas de colegas sobre nossos corpos e o tom das nossas peles, nos fazem questionar muito da necessidade de falarmos do óbvio. Que assim como eles, heterossexuais cristãos, temos todos/as os mesmos direitos.

Seguindo esta perspectiva, sobre abordagens dissidentes nos planos de aula, ao mesmo tempo pensando em provocar algumas movimentações no próprio curso, selecionei um conjunto de artistas dissidentes para as aulas.

Primeiro, preciso pontuar que parto de uma perspectiva do artista professor pesquisador. Construir um conhecimento em artes visuais, exige que compreendamos que se ensina aprende arte fazendo arte. Neste sentido, que o artista e sua metodologia são as bases para as pesquisas.

Como metodologia das aulas, os/as estudantes adotam um caderno de artista. Neste caderno são construídos registros diários de visualidades, teorias, práticas artísticas... tudo que interessar a pesquisa poética do/a estudante. Este dispositivo de aprendizagem deverá acompanhar o/a estudante até o último dia da disciplina. Este processo começaram os primeiros estranhamentos. As perguntas iniciais eram sobre o que eles/as deveriam selecionar para compor seus cadernos. Instaurava-se neste momento uma desconstrução do olhar, pois é preciso exercitar



ver o que não estamos acostumados a olhar. Neste caso específico, o cotidiano. Pois se tratava de um dia de performance. O problema posto foi: Como ver situações poéticas e potenciais para uma proposta artística observando o cotidiano?

Como nosso objeto de estudo é o/a artista e sua prática artística, pensado justamente em propor um pensamento decolonial e uma pedagogia desobediente, selecionei artistas que trazem em suas práticas esses questionamentos. Assim, foi possível construir junto com os/as estudantes um repertório onde eles/as pudessem refletir sobre seus contextos.

Para situar, estamos localizados na capital do Amapá, Macapá. Na Universidade Federal do Amapá, na região amazônica.

Para as primeiras aulas, foi realizado um convite para uma aula aberta com Rafael Bqueer, uma artista que nasceu em Belém/PA, que tem o corpo como suporte e pesquisa, atravessando diversas questões raciais, de gênero, e descolonização nas artes visuais, escolas de samba e cena drag-themônia da Amazônia. É artista multidisciplinar, sua produção se desdobra em performance, vídeo, fotografia, cinema e arte-educação.



Figura 2. Folder da aula aberta na disciplina de ELVIS IV – Performance. Acervo do autor.

Trazer Rafael para abrir as aulas representou um momento singular não apenas para as aulas que seguiriam, como também, para os projetos de pesquisa e extensão que estavam sendo desenhados. Mais do que apenas apresentar os artistas em vídeos ou fotos de suas obras, os/as estudantes tiveram a oportunidade de ouvir da própria artista como era constituído o seu processo de trabalho. Onde buscava suas referências, o que lia e estudava para nutrir sua prática artística.

Ainda existe no curso uma concepção de que por estarem em uma licenciatura em artes visuais, a prática artística e o pensamento visual não compõem uma parte significativa para a formação. Este também foi um obstáculo a ser superado no percurso das aulas.

Provocar que os/as acadêmicos tivessem um projeto poético teve início com a presença de Rafael como artista convidada. Pois na sua explanação estava presente a todo momento a relevância de uma arte educação dissidente.

A aula aberta mobilizada pela convidada nos colocou diante de desafios de como começar a pensar acerca dos processos de exclusão que estávamos todos envolvidos. Justamente pela nossa localização geográfica e, na sequência, com as provocações que emergiram da sua prática artística.

Passamos a estudar artistas que tematizavam questões de gênero e raça nas suas práticas, como por exemplo: Castiel Vitorino (1996 -), Lys Parayso (1994 -), Tania Bruguera (1968 -), Rosa Luz Gama (1995 -), Katia Sepúlveda (1978 -), Priscila Rezende (1985 -), Musa Michelle Mattiuzzi (1983 -) e Hija de Perra (1980 – 2014).

Os conteúdos que surgiam das pesquisas das práticas artísticas nos colocavam diante de reflexões que envolviam pensar os próprios modos de como ensinamos aprendemos artes visuais. As práticas destas artistas nos possibilitaram enxergar que a própria Educação é uma ferramenta potente para colonizar nossas existências.

Juntamente com as práticas artísticas e os escritos de Paulo Freire e bell hooks, fomos entendendo que a liberdade é um processo que devemos conquistar diariamente, que as práticas das artistas nos possibilitaram compreender que devemos, assim como a luta pela liberdade, estarmos atentos e críticos constantemente.



Como menciona hooks (2020, p. 57),

Nossa maior dificuldade é compartilhar conhecimento a partir de um ponto de vista sem preconceito e/ou descolonizado com estudantes que estão profundamente envolvidos na cultura do dominador que não se abrem a aprender novas formas de pensar e de saber (...) criar uma comunidade aberta de aprendizagem, onde estudantes possam aprender a ser pensadores críticos capazes de compreender e de reagir ao material que estivermos estudando juntos (...) ensinar de maneiras que ampliam os interesses da democracia, da justiça (...) uma vez que mentes “em busca da liberdade” ensinam a transgredir e a transformar.

A prática artística contemporânea, comprometida com as reflexões acerca das dissidências sexuais e de gênero e com as questões étnico-raciais, nos colocam diante de quebras de paradigmas institucionalizados. São, justamente os/as artistas que nos apresentam outras abordagens de pensamentos, ou como aponto neste ensaio, as práticas das artistas aqui mencionadas, nos possibilitam desaprender para aprender em outras perspectivas, reconhecendo e resistindo a saberes que narram uma única história – e essa nunca é nossa.

Vemos isto de forma muito potente quando Castiel Vitorino nos apresenta seu quarto de cura, ou quando Lys Parayso pinta as unhas dos convidados na sua intervenção de rosa, questionando o que seria a cor no universo masculino e feminino. Pensando nos processos de ensino aprendizagem, o texto de Tânia Bruguera sobre sua declaração de ensino. Ou quando vemos Rosa Luz Gama com sua imagem vestida de noiva em uma caçamba de lixo. O que estão nos dizendo essas práticas? O que Hija de Perra nos convoca a pensar quando lê seu discurso em praça pública, ao lado de duas figuras armadas?

Precisamos salientar, enquanto profissionais que atuam na formação inicial de professores de artes visuais, que os processos de colonização não perpassam apenas os nossos corpos, nos dizendo como ser homem ou como ser mulher. E que qualquer característica fora dessa “ordem” deve ser eliminada, mas que a nossa imaginação sofre o mesmo processo.

A colonização invade mente, corpo e imaginação. A estratégia é primeiro de fragmentar todas estas instâncias, para depois sequestrar e ditar as regras conforme melhor lhe convém. Porém, a imaginação e os processos criativos, são as formas



mais poderosas de resistirmos a todo esta clausura sufocante que nos é imposto pela colonialidade. As artistas elencadas para incitar estes debates nos propiciaram formas mais envolventes para experienciarmos nossos saberes.

São essas experimentações que tenho chamado de desaprendizagens. Começando pela escolha de artistas que não costumam aparecer nas aulas. Assim como os conteúdos que costumam ressoar dessas práticas: gênero, raça, ativismo, transfeminismo, corpo dissidente, filosofias africanas, pensamento mestiço, arte educação e dissidência sexual e de gênero. São conteúdos que exigem a presença de artistas e autores que não figuram no cânone da Educação ou da Arte Educação tradicional.

Percorrer travessias é o convite que nos fazem artistas comprometidos com pensamentos decoloniais, experimentar outros percursos, caminhar por rotas desconhecidas, que nos fazem conhecer a nós mesmos e a nossa condição no mundo. Ou seja, é um convite a falar com a nossa própria voz, o que para alguns pode ser muito difícil, tendo em vista que falou durante uma vida toda com a voz do outro.

PARA DESAPRENDER A FALAR COM A VOZ DO OUTRO

*Encontrar a voz é um ato de resistência
bell hooks*

Entender que a nossa voz pode ser ato de resistência, nos exige que tenhamos um poder de escuta. Para desaprender a falar com a voz do Outro é necessário que aprendamos sobre os modos discursivos daqueles que nos oprimem. Ao contrário do grito, a “voz libertadora irá necessariamente confrontar, incomodar, exigir que ouvintes até modifiquem as maneiras de ouvir e ser” (hooks, 2019, p.53).

Está na maneira como queremos ser ouvidos/as a nossa agenda de lutas. Ser ouvido/a perpassa pela compreensão de que nossas epistemologias apresentam maneiras mais democráticas e libertadoras de vida. Se trata, primeiramente, do direito de existirmos, de podermos circular nas ruas sem medo de sermos agredidos



pela nossa existência dissidente.

Uma arte educação dissidente deve estar comprometida com o direito à garantia da vida. Neste sentido que tangencia os processos de desaprendizagens, ou seja, não compactuar com conhecimentos que oprimem e negam a existência e a produção de conhecimentos de pessoas dissidentes sexuais e de gênero, considerando raça e classe. Pois entendemos que os marcadores sociais tornam alguns de nós mais suscetíveis que outros/as. Porém, o projeto do *cistema* é o da extinção de todos/as nós, não importando a cor ou a classe.

Desaprendizagens - por uma Arte/Educação dissidente, também é um convite, para que outras pedagogias possam ser experienciadas, onde o protagonismo das experiências de vidas possa protagonizar nas aulas e nos processos de criação. Onde nenhuma forma de existência seja anulada.

Parte-se do pressuposto que a docência em artes visuais é um caminho a construções emancipatórias da imaginação. Onde criar possa acontecer sem mecanismos de censura. E que a colonização das mentes-corpos-imaginação possa ser superada.

Certamente que este é um debate que muito ainda precisa ser provocado nas instituições de ensino e, principalmente nos processos de formação docente. Porém, o que apresento neste ensaio, são alguns caminhos que estão sendo construídos. Estes conteúdos perpassam as disciplinas que ministro, a extensão e a pesquisa.

Em 2022, com o meu ingresso como professor no ensino superior, criei o projeto de extensão Apotheke em dissidência, para propiciar debates e práticas referenciadas em artistas dissidentes sexuais e de gênero. Este já era um projeto que existia na forma de grupos de estudos desde 2020, que abrigou artistas professores pesquisadores nacionais e internacionais. Para contribuir nesta mesma perspectiva de estudos e pesquisas, criei o projeto de pesquisa e grupo de pesquisa com a mesma temática – Dissidências e pedagogias decolonias.

Então, o que precisamos fazer é criar cada vez mais grupos institucionalizados que tensionam as normas existentes. Pois institucionalizar Grupos de pesquisa, projetos de extensão e pesquisa com as temáticas das dissidências sexuais e de gênero é criar estratégias de re-existências. Isso significa



aprender a falar com a nossa própria voz – de bichas, latinas, trans, travestis...

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. TED talk, 2009. Disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt. Acesso em: 09 julho 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

LEMABEL, Pedro. **Manifiesto** (Hablo por mi diferencia) por Pedro Lemebel - 1986.

Disponível em:

<https://1poesiapordia.tumblr.com/post/163379681818/lemebel-em-1986-em-foto-que-comp%C3%B4s-a-performance>. Acesso em: 09 julho 2022.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. BA: Editora Devires, 2020.

Biografia do autor

Fábio Wosniak iniciou sua trajetória artística no início dos anos 2000, participando de cursos livres de teatro em Florianópolis, onde atuou como ator e professor de teatro. Em 2006/2012, graduou-se em Pedagogia pela UDESC e UNIP. Posteriormente, ampliou sua formação com o curso de Psicanálise, atualmente em andamento no Círculo Psicanalítico do Pará. Em 2014, deu início ao seu pós-doutorado, com a pesquisa intitulada "Entre Marés e Levantes: Insurgências na Pesquisa em Arte/Educação", na Universidade Regional do Cariri (URCA). Seu interesse pela pesquisa em artes visuais e pelo ensino o levou a realizar o Mestrado (2015) e, posteriormente, o Doutorado (2019) em Artes Visuais pela UDESC. Em 2019, mudou-se para Macapá, onde se tornou professor efetivo do Curso de Artes Visuais, Licenciatura - DEPLA/UNIFAP. Além disso, atua como Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Artes - Prof. Artes URCA/CE. Sua atuação acadêmica inclui a coordenação do Projeto de Extensão "Apotheke em Dissidência" na UNIFAP e a liderança do Grupo de Pesquisa Experiências e



Dissidências nas Artes Visuais (UNIFAP/CNPq). Sua pesquisa também se estende a outros grupos, como o Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos (URCA/CE) e o Entre Paisagens (UDESC/SC), além de integrar o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke (UDESC/CNPq). No campo editorial, é Editor Gerente da Revista Encanterias e Editor Associado da Revista Apotheke, ambos periódicos online. Como associado e representante regional Norte-Macapá da ANPAP, Wosniak mantém uma presença ativa na comunidade acadêmica e artística. Sua produção intelectual e artística concentra-se em temas como ensino de arte, colagem, arte-educação, formação de professores, metodologias artísticas de pesquisa e as interseções entre arte e psicanálise.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414>

